JANELAS NARRATIVAS NO ESTUDO DA CULTURA.

NARRATIVE SCREENS IN THE STUDY OF THE CULTURE.

Deusimar Gonzaga

Robson Corrêa de Camargo

Paul Stob, em recente artigo publicado na revista Philosophy and Rhetoric, denominado Terministic Screens, Social Construcionism, and the Language of Experience: Kenneth Burke’s Utilization of William James, aponta a influência ainda predominante de Kenneth Burke (1897-1993) em inúmeras disciplinas acadêmicas, principalmente pelo ainda incontável número de livros e artigos publicados anualmente sobre seu pensamento, categorias que ainda questionam as demandas urgentes do presente (STOB, 2008 pgs 130-152). Kenneth Burke, pouco conhecido em nosso idioma, continua levantando questões que podem auxiliar as disputas atualmente em cartaz, principalmente com a entrada em cena, nos últimos sessenta anos, dos estudos interdisciplinares da cultura em suas performances.

Aqui neste artigo são apresentadas e discutidas algumas noções e aplicações de um dos conceitos apresentados por este autor, o conceito de “enquadramentos de termos” (*terministic screens*). Este foi desenvolvido por Kenneth Burke em seu livro Linguagem como Ação Simbólica (Language as Symbolic Action). Burke define o conceito de *terministic screens* como o de uma tela, uma moldura, um filtro, um enquadramento que se apresenta nas formas que o ser humano percebe o mundo, estes termos, moldura por nós utilizados, ao mesmo tempo, distanciam a atenção de formas interpretativas e nos levam a outras.

Os enquadramentos de termos é um conceito pensado e usado para se investigar a ação humana no ato da linguagem. Palavras apresentam um significado particular que amalgamam imagens, ideias, atos, ações. Os receptores, por outro lado, interpretam estas mensagens através da tela de termos de seu próprio vocabulário e de sua perspectiva de mundo, assim a linguagem seleciona e distancia as formas de construir o sistema simbólico que nos permite relacionar com o mundo. A linguagem que escolhemos é, ao mesmo tempo, a representação da nossa realidade, nosso mundo, nossa cultura, nossas crenças, mesmo se não tivermos esta intenção.

Do ponto de vista do dramatismo a linguagem é construída nas relações sociais que estabelecemos no contexto do convívio coletivo ou comunitário. Os enquadramentos de termos direcionam a nossa atenção para um ou outro contexto de situação, no qual localizamos a linguagem que produzimos.

Os enquadramentos de termos exercem um papel prático de simbolização no nosso modo de vida, que pode ser tanto de continuidade como de descontinuidade. A continuidade se refere à nossa identificação com outros seres humanos ou com as coisas do mundo. A descontinuidade se refere à desassociação que estabelecemos entre nós e outros seres humanos ou com o mundo. Os termos da nossa linguagem, além de direcionarem a nossa atenção, também configuram, carregam a abrangência das observações implícitas nos próprios termos.

Burke concebe linguagem como sendo as ações que operacionalizam as relações humanas, isto é, linguagem é ação simbólica. Pela perspectiva do dramatismo, a investigação dos motivos e das intensões nos processos sociais de cooperação e competição, são centrais para a análise da linguagem. Somos motivados a construir linguagem, consciente ou inconscientemente, para conduzir nossas intenções de persuadir e convencer amigos e inimigos, através de estratégias que são desenvolvidas na própria ação da fala, da escrita, da gestualidade, etc.

Usamos linguagem para fortalecer as alianças com nossos amigos e para persuadir nossos não tão amigos de que estamos certos no que fazemos e temos razão no que dizemos. Linguagem assim é concebida pelo dramatismo não apenas como um veículo de expressão de ideias, sentimentos e conceitos, utilizados como meios para estabelecer relações, mas também como as próprias relações que estabelecemos – ações simbólicas - para dar significado ao nosso mundo e construir nossas realidades. Assim ação é compreendida como um movimento de construção e existência de mundo.

Kenneth Burke dá o nome de ação simbólica para as ações que resultam, muitas vezes de forma conflituosa, em como percebemos e sentimos o mundo, e de como conseguimos exteriorizar (movimentar) nossos sentimentos e percepções. Analisar assim a linguagem, com a qual agimos e construímos narrativas, no caldeirão da ação simbólica, é fundamental na busca de uma compressão abrangente e profunda, do papel destas narrativas e ações simbólicas que se desenvolvem em nossa cultura. Qual a importância do que ocultamos e do que revelamos com nossas narrativas? Como conduzimos, transformamos e produzimos nossa memória cultural através da linguagem oral que construímos?

O estudo dos “enquadramentos de termos” pode dar uma importante contribuição aos estudos da nossa cultura oral e de como operacionalizamos nossas ações. Os enquadramentos de termos podem nos possibilitar olharmos para a linguagem através das janelas narrativas, que podem nos dar uma visão das ambiguidades, completudes e fragmentações da cultura e da própria linguagem. A linguagem produz, mantém e transforma tanto a si mesma como a própria cultura. A ação simbólica é arbitrária e um processo social, permite ao ser humano criar motivos, independente da natureza que nos envolve, criando construções sociais da realidade. Como apresenta Stob, símbolos, termos e linguagem formam as fundações, tijolos e cimento, as estruturas de nossa vida coletiva, assim a realidade que nos envolve é construída em discurso e pode, portanto, ser reconstruída assim que nos alterarmos nossas práticas discursivas (STOB, 2008, p.131).

O enquadramento de termos abrem janelas narrativas

Kenneth Burke aponta duas abordagens distintas sobre a natureza da linguagem, a abordagem “*cientificista*” e a abordagem “*dramatística*” (BURKE, 1966, p.44). A partir desta distinção ele desenvolve seu pensamento sobre como direcionamos a atenção da nossa observação para o que queremos ressaltar. Através dos enquadramentos de termos direcionamos a atenção para um lugar ou outro, escolhendo termos que acentuem ou termos que amenizem aspectos da ação/linguagem que produzimos e utilizamos.

Uma abordagem *“cientificista”* da linguagem se inicia com questões de denominação ou definição. Isto é, a proposição da linguagem está edificada no enfoque: Isto é tal coisa – e apresenta-se uma definição ou descrição da coisa mencionada, ou então: Isto não é tal coisa – e novamente uma descrição e ou uma definição são apresentadas. Uma abordagem *“dramatística”* da natureza da linguagem considera a linguagem como ato e vê seu poder ou sua função essencial nas questões atitudinais ou exortativas.

Questões atitudinais estão presentes nas expressões de reclamação, como por exemplo: “ando tão sem dinheiro”, “não tenho tempo para nada”; ou expressões de medo: “ah, mas é muito perigoso”; de gratidão: “graças a Deus, ficamos muito agradecidos”. As questões exortativas estão presentes nas expressões de comando ou de pedidos como, por exemplo: você deve fazer isto e não deve fazer aquilo, “não matarás”, “não roubarás” ou ainda: “ajude-me, me dê uma informação”.

Burke diz que de maneira geral a natureza *“dramatística”* da linguagem pode ser vista como um instrumento que é desenvolvido através de seu uso nos processos sociais de cooperação e competição. Isto é, pela perspectiva do dramatismo a linguagem é desenvolvida na medida em que nos relacionamos e na medida em que as relações que estabelecemos demandam novas necessidades. Portanto, nós desenvolvemos linguagem motivados por nossas intenções, nas relações que estabelecemos. Burke nos lembra que estes processos sociais foram chamados pelo antropólogo e etnógrafo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) de *“contextos das situações”* (*context of situations*). A abordagem dramatística enfatiza a linguagem como um aspecto da ação, isto é da ação simbólica. Ação que possibilita uma interpretação simbólica de objetos e eventos - o que nos capacita para imaginar, selecionar, criar e definir as situações com as quais interagimos. (BURKE, 1966, p.44)

Matar um ser humano, pelas leis morais e jurídicas da nossa sociedade, é um ato que deve ser moralmente reprovado e um crime que deve ser juridicamente punido no rigor da lei. Mas matar outro ser humano pode ser justificado no contexto da seguinte situação: Policiais em cumprimento ao estrito dever legal trocaram tiros com traficantes de drogas, que foram baleados e morreram. Nesta situação o ser humano é enfocado através de uma intenção - como policial e por outra intenção - como traficante. Sem entrar nos méritos dos procedimentos processuais e jurídicos que podem culminar em condenação ou absolvição, no âmbito da opinião pública os termos - policiais e traficantes, conduzem a reflexões distintas de uma mesma realidade. Tanto policiais quanto traficantes são seres humanos, mas, chamar um ser humano de traficante e outro de policial implica em um enquadramento de termos que conduz a nossa atenção e entendimento a direções distintas. Mesmo que haja pontos de interseção nos rumos da nossa atenção para estes dois termos que nos enquadram, os termos em si e suas implicações na nossa avaliação, interpretação e julgamento nos conduzirão a compreensões bastante diferenciadas do ser humano. Estas duas palavras, policial e traficante, impõem definições sobre como vemos o mundo, são janelas que determinam como vemos e agimos.

Burke nos adverte que muitas das “observações” que fazemos são implicações da terminologia específica nos termos da qual as observações são feitas. Portanto, muito do que consideramos como observações sobre a realidade, são prolongamentos das possibilidades implícitas na nossa escolha de termos. Ao falarmos do ser humano como sendo um policial, os termos que escolhermos para nossa fala carregam nossas opiniões, nossas impressões, nossos preconceitos, informações etc. Falar do político é outra coisa, do artista, do ladrão, do intelectual etc. Em cada um dos enquadramentos que são encabeçados por um desses termos chave estarão implícitos nossos julgamentos, preconceitos, informações, desinformações, simpatias e antipatias. Sobre a terminologia dos motivos, colocar a palavra Deus como termo chave, como faz um teólogo ou um crente, ilustra a terminologia teológica. Uma terminologia naturalista Darwiniana omite o termo Deus – o que acarreta numa série de outras implicações (BURKE, 1966 p.46).

Para entendermos melhor como os motivos estão ocultos por trás dos termos que usamos e como determinam os significados que são dados para as narrativas que construímos, Kenneth Burke utiliza exemplos do discurso cristão. Burke acrescenta que a completude manifesta da teologia justifica sua utilização para fins mundanos e anuncia que esta tem em mente a exigência devota e metodológica que se expressa em: “Acredite, que você entenderá” (*crede, ut intelligas*). Em sua aplicação teológica, esta formula serve para definir a relação entre fé e razão, crer ou não. A fé neste caso é eleita a autoridade que precede e rege a racionalização, que será construída e apresentada através da terminologia teológica e que determinará comportamentos (BURKE, 1966, p.47). Kenneth Burke se refere também a logologia (*“logology*”) como um possível sinônimo de seu estudo dos enquadramentos de termos. *Logologia* é o estudo sistemático das palavras e das diversas formas de expressão. Logos pode ser palavra, verbo, portanto estudo ou conhecimento da palavra, que pode ser também o estudo o estudo ou conhecimento da palavra divina ou da existência do próprio Deus. Para Burke um estudo que não se dirige a veracidade ou falsidade dos termos implicados, mas a jogar luz sobre as formas da linguagem em si.

Quando os teólogos falam de “palavras sobre Deus”, pode-se estudá-las também como “palavras sobre palavras” ou estudo dos atos das palavras, ou ainda de como as palavras também são ato. Kenneth Burke elege a sentença de abertura do evangelho de João como ponte metodológica para este estudo (BURKE, 1966, p. 47). A afirmação “no principio era o verbo, e o verbo estava junto de Deus e o verbo era Deus”[[1]](#footnote-1) aponta um processo de enquadramento de termos. Burke não era um teólogo, discute aqui a linguagem como tal, neste caso o verbo que se torna Deus e implica ações e cultura para cristãos e não cristãos.

Outro exemplo notável para esta discussão seria a injunção: “*Crede, ut intelligas*” (acredite, que você pode entender), pois esta pode esclarecer o problema puramente secular dos enquadramentos de termos. Logologia ou enquadramento de termos, no ponto de vista de Burke, se torna o estudo empírico das ações simbólicas – a experiência expressa nas palavras. A contrapartida ou fórmula, para Burke, seria colocar, em vez da afirmação acredite (*Crede*), alguma nomenclatura específica. Enquadre alguns termos para que você possa entender ou traçar os tipos de observações implícitas na terminologia escolhida, inclusive se a escolha de termos foi deliberada ou espontânea (BURKE, 1966, p. 47).

Kenneth Burke nos adverte que muito do que nós chamamos de realidade, tem sido construído para nós através de nossos sistemas simbólicos – os registros escritos, fotografados, filmados, pintados, desenhados, esculpidos, gravados, contados em peças de teatro, poesia, literatura, determinam nossa vida. Se nos forem tirados os livros, mapas, revistas, jornais e agora também a rede mundial de computadores, o quanto ainda saberemos sobre a história, biografias, geografia, biologia, filosofia, psicologia, etc.? Burke alega que nossa realidade é a linha das nossas próprias vidas combinada com todo emaranhado de símbolos sobre o passado. Ensinamos e aprendemos através destes sistemas simbólicos. Mesmo que para cada um de nós, a pequena parcela da realidade que tenhamos “experienciado” seja importante – os acontecimentos que de fato vivenciamos em primeira mão, o todo do cenário geral é apenas um constructo de sistemas simbólicos onde nos vemos imersos, ou enredados (BURKE, 1966, p. 48).

Mesmo o comportamento humano, que pode ser tido como algo bastante objetivo, precisa ser observado através de um ou outro tipo de enquadramento de termos. O enquadramento de termos escolhido para a observação dirigirá nossa atenção a uma qualidade de observação, que estará em acordo com os termos escolhidos.

Para Burke existem dois tipos de termos: termos que juntam as coisas e termos que separam as coisas ou ainda, em termos matemáticos há termos que enfatizam o princípio da continuidade e termos que enfatizam o princípio da descontinuidade. Visto de outra forma: termos que nos fazem sentirmos identificados com algo ou com alguém e termos que nos fazem sentir desassociados de algo ou de alguém (BURKE, 1966, p.49).

Kenneth Burke propõe para o entendimento destas duas categorias de termos a prevalência do que ele chama de um ponto básico no movimento da dialética: há composição e há divisão. Burke descreve que a composição e divisão frequentemente aparecem como uma distinção entre o enquadramentos de termos. Há os termos que sugerem diferenças de grau e aqueles que sugerem diferenças de tipo. Por exemplo: Darwin vê apenas uma diferença de grau entre o ser humano e outros animais. Mas, os teólogos veem uma diferença de tipo. Onde Darwin vê o ser humano como contínuo com os outros animais, os teólogos enfatizariam o princípio da descontinuidade neste sentido. Mas o enquadramento teológico também sugere certo tipo de continuidade entre o ser humano e Deus, o que não é atribuído à relação entre Deus e outros animais. Burke afirma, em forma algo irônica, que não precisamos de teologia para demonstrar que o ser humano – o animal que tipicamente usa símbolos - é algo especial, basta a mera evidencia das nossas características desordens sociopolíticas (BURKE, 1966, p.50).

Uma das efetivas ações que podem nos levar a entender precisamente como esta questão se apresenta nas traduções realizadas na obra de Barukh Espinosa (1632-1677). A recente publicação da obra completa deste autor em nossa língua portuguesa destaca que o termo apresentado por Espinosa *mens* ou *mentis*, traduzido pelos editores da Perspectiva por mente, aponta que, em antigas traduções francesas e alemãs mente foi traduzido por alma (*âme*, *Seele*), o que coloca o termo inicial *mente* em outra janela de termos e significados.

Ajuda ainda que, para entender o poder da ação simbólica, repitamos trechos da excomunhão de Espinosa, redigida originalmente em português:

*“Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito quando se levanta; maldito quando sai e maldito quando regressa. Que o Senhor não o perdoe. (...) Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto, (...) que ninguém leia nada escrito ou transcrito por ele”* (SPINOZA 2014 pg.25).

Como pode-se ver, a partir de Kenneth Burke, contar uma história é muito mais do que contar o que pode ter acontecido, pois o acontecido não são apenas palavras. Quando contamos o que aconteceu estamos direcionando a atenção para as implicações implícitas nos termos que escolhemos ao usar em uma narrativa. Os termos têm significados diversos para quem conta estórias, para quem às ouve, às interpreta e para quem às reproduz. Os significados são construídos no âmbito coletivo da cultura e no âmbito individual da vida pessoal de cada um, enquanto as palavras são ditas e como elas ecoam. O entendimento de que o que chamamos de realidade, é na verdade uma rede de construções simbólicas que estamos envoltos e pode ser avassalador para nós; e pode ser avassalador também pensar sobre as implicações para as nossas vidas, de uma realidade construída simbolicamente. Kenneth Burke considera que estas implicações são sem dúvida uma das razões porque, embora o ser humano seja tipicamente o animal que usa símbolos, nós nos agarramos a um tipo de realismo verbal ingênuo que nos impede de conceber a completa extensão do papel desempenhado pela simbolicidade em nossas noções de realidade (BURKE, 1966, p.48).

Por razões de interesses e conveniências diversas de nossos interesses pessoais revelados e ocultos, nós nos acomodamos em aceitar uma realidade sem a questionarmos ou a investigarmos em seus processos de construção. Negligenciamos os motivos e as intenções com os quais a rede de ideias e imagens que chamamos de nossa realidade é construída e repetida, inclusive por nós mesmos. É, portanto, fundamental identificarmos e investigarmos os motivos e as intenções que se ocultam nas ideias e nas imagens presentes na linguagem com a qual interagimos. Precisamos analisar a linguagem que produzimos e que nos envolve se quisermos compreender aspectos da cooperação e da competição nas relações que se estabelecem no dia a dia e nas situações específicas do nosso convívio social. A linguagem revela e oculta motivos e intenções que a investigação dos enquadramentos de termos pode nos possibilitar identificar, para que, ao menos se possa entender e reagir à complexa e contraditória rede de significados que nos envolve e nos motiva.

Referências

BURKE, Kenneth.Language as Symbolic Action: Essays on Life, Literature, and Method. 3a. ed. Berkeley and Los Angeles, CA. University of California Press, LTD, 1966. 506p.

SPINOZA, B. Spinoza: Obra completa III. São Paulo, Perspectiva, 2014.

STOB, Paul. “Terministic Screens," Social Constructionism, and the Language of Experience: Kenneth Burke's Utilization of William James. In Philosophy and Rhetoric, 2008, vol 41, número 2, pgs.130-152.

1. Bíblia Sagrada, 27\* Edição, Ed. Ave Maria Ltda., 1980, p.1384. [↑](#footnote-ref-1)